



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA**

ÉLLEN EMANUELLY DE ARAÚJO COSTA

**CONTROLE DA ESPOROTRICOSE E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE NO CONTEXTO DA
SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2025**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA

ÉLLEN EMANUELLY DE ARAÚJO COSTA

**CONTROLE DA ESPOROTRICOSE E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE NO CONTEXTO DA
SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

TCC apresentado ao Curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Saúde Coletiva.

**Orientador(a): Dr^a Fabiana de Oliveira
Silva Sousa**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Éllen Emanuelly de Araújo.

Controle da esporotricose e a vigilância em saúde no contexto da saúde pública brasileira: uma revisão integrativa / Éllen Emanuelly de Araújo Costa. - Vitória de Santo Antão, 2025.

43

Orientador(a): Fabiana de Oliveira Silva Sousa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Saúde Coletiva, 2025.

Inclui referências.

1. Esporotricose. 2. Estratégias. 3. Dificuldades. 4. Vigilância em Saúde. 5. Atenção Primária à Saúde. 6. Aspectos Epidemiológicos. I. Sousa, Fabiana de Oliveira Silva. (Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)

ÉLLEN EMANUELLY DE ARAÚJO COSTA

**CONTROLE DA ESPOROTRICOSE E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE NO CONTEXTO DA
SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

TCC apresentado ao Curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Saúde Coletiva.

Aprovado em: 15/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fabiana de Oliveira Silva Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Petra de Oliveira Duarte
Universidade Federal de Pernambuco

Esp. Allan Victor Tavares de Albuquerque
Coordenação de Vigilância em Saúde Ambiental

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me fortalecido diante das adversidades, mesmo com tantas inseguranças, medos, choros e fraqueza, o Senhor nunca me desamparou. Se cheguei onde estou agora, foi pelo sustento dEle. Toda honra e glória a Deus em todos os momentos.

À minha, Águeda, por ser todo meu amor, minha amiga, minha parceira, minha estrela da manhã, por fazer de tudo pra me ver crescer bem, admiro a mulher forte que a senhora é, que sempre lutou tanto para conquistar nossas coisas.

À painho, Emanuel, pela minha criação, por demonstrar amor da sua maneira, mas sempre presente na minha vida e cuidando de mim, gratidão também pelos puxões de orelha, que sempre foi prezando pelo meu melhor. Que Deus me fortaleça todos os dias para fazer o dobro para vocês, mas não por obrigação e sim, por todo amor, honra e gratidão que sinto à vocês, minha fortaleza e base de vida.

Gratidão também aos meus familiares, principalmente a vó Socorro, minhas tias, primas, primos e sobrinhos, por todo apoio, carinho e incentivo ao longo de toda vida acadêmica, nunca soltaram minha mão e sempre apoiaram meus sonhos.

Gratidão a minha vó Eurides, *in memoriam*, por me apoiar ao longo de toda vida escolar e acadêmica.

Ao meu amor, que é parceria e amor desde 2022 e minha calmaria diante das tempestades em todos esses anos de graduação, esteve comigo nas crises e nas vitórias, sempre um cuidando do outro.

Ao meu amor de quatro patas, Hórus (ou Lolô), que veio para minha vida em um momento leve, em 2022, mas Deus já sabia que eu iria precisar dele mais para frente. Ele que aguentou meus choros e alegrias, e me ensina o que é amor todos os dias.

Agradeço a Deus também pela turma que me concedeu, não teria turma melhor, e aos amigos que fiz durante a graduação, pois tornaram a caminhada mais leve e também um pouco louca, mas sempre nos ajudando e nos fortalecendo diante das dificuldades e alegrias da graduação (e vencemos!). Agradeço à minha amiga de infância (a bestie) e que seguiu junto na vida acadêmica, pelo apoio mútuo, seja nas lutas da faculdade, nos conselhos de vida, nos sorrisos bobos e nas conversas profundas, tornou a vida mais alegre. Agradeço aos amigos da vida, são poucos, mas sempre se fizeram presentes na minha vida.

Por fim, e não menos importante, gratidão imensa e toda admiração à professora e orientadora Dr^a Fabiana Oliveira, que abraçou minhas ideias e compartilhou tantas outras, me conduziu desde o Pibic até o TCC, orientou de forma essencial a todo momento, para que juntas, construíssemos um incrível trabalho. Desde o segundo período que admiro sua forma de ensinar, além dos ensinamentos grandiosos que servirão para a vida profissional e pessoal, então não poderia haver orientadora melhor para me conduzir neste trabalho tão grandioso.

*Em algum lugar, pra relaxar
Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim
Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim
Não tem fim*

...
A fé na vitória tem que ser inabalável.

Anjos (Pra quem tem fé)
-Canção de O Rappa

RESUMO

A esporotricose é uma infecção fúngica causada principalmente pelo fungo *Sporothrix schenckii*, que vive naturalmente no solo, em plantas ou matéria orgânica em decomposição. Nos últimos anos, especialmente no Brasil, tem sido comum a transmissão por arranhões ou mordidas de gatos infectados, que podem carregar grandes quantidades do fungo nas unhas e saliva. O diagnóstico é feito por exame clínico das lesões, cultura do fungo em laboratório e exames histopatológicos. O objetivo do estudo foi analisar as estratégias de combate e as dificuldades que surgem na área da saúde diante da incidência de esporotricose no país. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura cuja coleta de dados foi realizada em duas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Portal de Periódicos da CAPES. Foram utilizados descritores associados ao operador booleano (AND): “esporotricose” AND “vigilância em saúde”; “atenção primária à saúde”; “sistema único de saúde”; “doenças negligenciadas”; e “estratégias de saúde”. A interpretação dos dados foi através da técnica de análise de conteúdo de Bardin, os dados foram divididos em 4 categorias temáticas: ‘Estratégias de controle da esporotricose’, ‘Dificuldades para contenção da esporotricose’, ‘Caracterização da ocorrência da esporotricose’ e ‘Recomendações para controle da zoonose’. Os resultados apontam a precarização de informações sobre a doença, por parte da população e dos profissionais da saúde. Outro problema relevante é o abandono animal pelos tutores. Portanto, ressalta-se a importância de estabelecer a educação em saúde à toda população, educação permanente dos profissionais de saúde, criação de centros de saúde de zoonoses em áreas de vulnerabilidade social, como possíveis estratégias de promoção à saúde e prevenção da esporotricose, além do enfoque na castração animal e desenvolvimento de responsabilidades do tutor.

Palavras-chave: esporotricose; estratégias; dificuldades; vigilância em saúde; atenção primária à saúde; aspectos epidemiológicos.

ABSTRACT

Sporotrichosis is a fungal infection mainly caused by the fungus *Sporothrix schenckii*, which naturally lives in soil, plants, or decomposing organic matter. In recent years, especially in Brazil, transmission through scratches or bites from infected cats has become common, as they can carry large amounts of the fungus in their claws and saliva. The diagnosis is made through clinical examination of the lesions, fungal culture in the laboratory, and histopathological examinations. The objective of the study was to analyze the combat strategies and the difficulties that arise in the healthcare sector in the face of the incidence of sporotrichosis in the country. This is an integrative literature review whose data collection was carried out in two databases: Virtual Health Library (BVS) and CAPES Journals Portal. Descriptors associated with the boolean operator (AND) were used: "sporotrichosis" AND "health surveillance"; "primary health care"; "single health system"; "neglected diseases"; and "health strategies". The interpretation of the data was carried out using Bardin's content analysis technique, and the data were divided into 4 thematic categories: 'Strategies for controlling sporotrichosis', 'Difficulties in containing sporotrichosis', 'Characterization of sporotrichosis occurrence', and 'Recommendations for zoonosis control'. The results indicate the precariousness of information about the disease, both from the population and from health professionals. Another relevant problem is the abandonment of animals by their guardians. Therefore, the importance of establishing health education for the entire population, ongoing education for health professionals, the creation of zoonosis health centers in areas of social vulnerability, as possible strategies for health promotion and prevention of sporotrichosis, as well as focusing on animal castration and the development of the tutor's responsibilities, is emphasized.

Keywords: sporotrichosis; strategies; difficulties; health surveillance; primary health care; epidemiological aspects.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ACE	Agente de Combate à Endemias
ACS	Agente Comunitário de Saúde
BVS	Biblioteca Virtual da Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DNC	Doença de Notificação Compulsória
DTNs	Doenças Tropicais Negligenciadas
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IPEC	Instituto de Pesquisa Evandro Chagas
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
PSE	Programa Saúde na Escola
SUS	Sistema Único de Saúde
VS	Vigilância em Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Aspectos clínicos e epidemiológicos.....	14
2.2 A vigilância em saúde e a esporotricose.....	16
3 OBJETIVOS.....	20
3.1 Objetivo Geral.....	20
3.2 Objetivos Específicos.....	20
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5.1 Estratégias de controle da Esporotricose.....	29
5.2 Dificuldades de contenção da zoonose.....	31
5.3 Caracterização da ocorrência da Esporotricose.....	33
5.4 Recomendações de controle da zoonose.....	34
6 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença fúngica, derivada do complexo *Sporothrix spp*, considerada uma infecção subcutânea, pode ser adquirida laboralmente, como atividades de jardinagem, agricultura (manejo do solo onde o fungo pode ser encontrado), plantas e outros materiais orgânicos contaminados pelo fungo que é encontrado na natureza, e através do contato com animais contaminados por mordedura ou arranhadura de gatos (via de transmissão zoonótica) (Barros *et al.*, 2011), com casos ocorridos em diversos países (Gremião *et al.*, 2017).

A espécie foi identificada pela primeira vez e descrita em detalhes por Benjamin Schenck, nos Estados Unidos, em 1898, sobre o fungo acometer principalmente a camada da pele, onde provoca a formação de lesões nodulares com aparência que lembrava “esporos” (Schenck, 1898). No Brasil, início do século 20, Luiz e Splendore (1907) publicaram um artigo sobre casos de uma doença subcutânea que se propagou em seres humanos e ratos, descrevendo o que de fato seria a esporotricose, dando início aos casos diretamente confirmados no país (Brasil, 1907). Sobre a recorrência de casos da esporotricose, eclodiram a partir da década de 90, com relatos de casos em alguns estados, principalmente os da região sudeste, como o Rio de Janeiro, onde a doença é de caráter hiperendêmico (Orofino-Costa *et al.*, 2017).

Os aspectos epidemiológicos demonstram que sua disseminação aconteceu no mundo todo e no Brasil, ocorrendo na maioria dos estados, indicando que não restringe-se apenas uma zona demográfica e nem apenas em zona rural por ser também de caráter ocupacional, mas atinge área urbana e rural (Muniz; Passos, 2009).

Esta zoonose apresenta formas clínicas diversificadas, são 4: cutânea (múltiplas lesões nas mãos e braços); linfocutânea: (a mais recorrente, formada por nódulos, localizados na camada mais profunda da pele, seguindo o trajeto do sistema linfático); extracutânea (espalha-se por alguns órgãos do corpo além da pele); e disseminada (compromete os órgãos do corpo, com alta letalidade) (Brasil, 2023).

O diagnóstico laboratorial faz parte do corpo clínico-epidemiológico. O método consiste no isolamento do fungo a partir de amostra clínica retirada de fluidos das

lesões da pele, sendo este o padrão ideal para diagnosticar (Orofino-Costa *et al.*, 2017).

Com relação ao tratamento, os medicamentos antifúngicos itraconazol, iodeto de potássio, terbinafina e anfotericina B, são as melhores opções para combater, juntamente a um diagnóstico clínico precoce para o tratamento adequado a longo prazo, possibilitando a cura (Gremião *et al.*, 2017; Orofino-Costa *et al.*, 2022). Os tratamentos com itraconazol e complexo lipídico de anfotericina B são ofertados pelo SUS gratuitamente, designados para esporotricose humana (Brasil, 2025).

No estado de São Paulo, realizou-se um estudo epidemiológico descritivo de 10 anos sobre o crescimento expressivo da doença em gatos. Interpretou-se através da análise de dados, maiores casos de esporotricose em felinos do sexo masculino e felinos adultos que atingiram a maturidade sexual. Alguns fatores podem ser influenciados pelo crescimento em larga escala, como o acesso às ruas (gatos domésticos), e o contato com gatos de rua assintomáticos ou sintomáticos. Além disso, a vida ativa na maturidade sexual, quando os gatos domésticos saem frequentemente de suas casas (Maia *et al.*, 2023).

Na região sul do Rio Grande do Sul, realizou-se um estudo de 40 anos com protocolos de necropsias de 1.633 felinos domésticos, destacando que ao longo desse extenso período, dentre as enfermidades que foram agrupadas pelo estudo, a categoria “doenças fúngicas” trouxe a esporotricose como maior índice de óbitos acometidos por felinos 4,35% (71 gatos), o que demonstra a necessidade de diagnóstico da zoonose e registro dos casos para estudos complementares para controle (Schied *et al.*, 2020).

Apesar do crescimento da doença em animais e humanos nos estados brasileiros, a esporotricose humana atualmente é considerada como doença de notificação compulsória pelo Ministério da Saúde através da portaria GM/MS nº 6.734/2025 (Brasil, 2025), e apenas alguns estados aderiram anteriormente às notificações compulsórias de casos suspeitos e confirmados. Em Pernambuco, através da portaria nº 390/2016, a esporotricose humana foi instituída à lista de Doença de Notificação Compulsória (DNC) para auxiliar o controle de casos e facilitar a coleta e análise de dados das vigilâncias epidemiológica e ambiental (Pernambuco, 2016). No município do Rio de Janeiro, tornou-se de notificação compulsória os casos confirmados de esporotricose em animais, visto que o território é endêmico e sofre com a precarização da saúde (Rio de Janeiro, 2022).

Considerando a esporotricose como uma doença negligenciada e de caráter endêmico em alguns estados do país e com poucos estudos para promoção e prevenção da doença, este estudo buscará responder a seguinte pergunta: **Quais estratégias têm sido implementadas pela vigilância em saúde para o controle da Esporotricose no Brasil?**

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Aspectos clínicos e epidemiológicos

Distribuída em vários países alcançando nível global, com relatos de casos no continente sul americano (Brasil, Peru, Uruguai), norte americano (México), continente africano (África do Sul) e asiático (Índia, Japão, China) (Helm; Berman, 1947; Chakrabarti *et al.*, 2015; Barros *et al.*, 2011). No Brasil, o desenvolvimento da *Sporothrix brasiliensis* faz parte da variação do complexo fúngico *Sporothrix spp*, é mais frequente em animais (gatos) e seres humanos, e possui alta carga virulenta (Thomson *et al.*, 2019).

O período de incubação da doença é variável, podendo ocorrer entre uma semana (7 dias) a seis meses ou mais, após a contaminação. O diagnóstico deve ocorrer através de análise de exames ambulatoriais e investigação da Vigilância Epidemiológica e Ambiental, responsáveis pela notificação, prevenção e redução dos casos (Brasil, 2023).

Nas pessoas, a doença acomete o tecido da derme subcutânea, com o tratamento adequado, o período de incubação até a cura é mais rápido, diferentemente dos animais, que adoecem e o fungo acomete o corpo de forma complexa, atingindo várias partes, eles se tornam ariscos para tomar a medicação, muitas vezes são abandonados por seus tutores quando adoecem, ao nível elevado da doença que leva a óbito, são enterrados em locais impróprios e contaminam o solo, resultando num grave problema de saúde pública (Barros *et al.*, 2010).

A vacinação ainda não foi desenvolvida, enquanto isso, as formas de tratamento se dão através de medicamentos antifúngicos via oral, como o fármaco itraconazol, iodeto de potássio, terbinafina e anfotericina B, que pode durar semanas ou meses a depender da gravidade da infecção, e a forma de administração se torna um verdadeiro desafio para médicos veterinários e tutores diante do tratamento para os animais (Pereira *et al.*, 2009; Orofino-Costa *et al.*, 2022).

A esporotricose, no seu caso clínico mais grave, afeta os órgãos internos do corpo e possui alta letalidade, sua transmissão por via zoonótica, afeta tanto os animais (esporotricose animal, em especial os gatos) quanto os seres humanos (esporotricose humana) (Queiroz-Telles *et al.*, 2017; Chakrabarti *et al.*, 2015; Larsson, 2011).

O surto da *Sporothrix brasiliensis* em alguns estados brasileiros demonstraram o acometimento em gatos domésticos, o que indica a potencialização de casos de esporotricose felina. Um dos fatores que tornaram o Rio de Janeiro um estado endêmico é a desigualdade socioeconômica, com a maioria dos casos da esporotricose felina em locais com péssimo saneamento básico, enterro dos animais em solo contaminado, contato de gatos domésticos com gatos de rua que estão adoecidos, procriação de gatos de rua, abandono de animais domésticos doentes, entre outras questões que favorecem a endemia (Rodrigues *et al.*, 2013).

Dentre os anos de 1992 a 2015, o Brasil apresentou 782 hospitalizações humanas devido à esporotricose na maioria dos estados. O estado do Rio de Janeiro liderou em casos de hospitalizações, constatando no período 250 casos notificados. (Falcão *et al.*, 2019).

O alto índice predominou na região sul do estado do Rio Grande do Sul, através de estudo realizado com dados de 2017 a 2019, que identificou 452 amostras suspeitas para o fungo *Sporothrix spp*, sendo confirmadas 185 casos de esporotricose (139 de felinos, 14 de cães e 32 de humanos) e sobre a distribuição demográfica, a área urbana foi a mais prevalente (Munhoz *et al.*, 2019).

O Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC) da Fiocruz, realizou o I Encontro de profissionais da saúde e abordou os aspectos clínicos e epidemiológicos da esporotricose, visando fortalecer a vigilância e controle da doença no estado. Foram identificados alguns problemas diante da situação como, ausência de programa de saúde, ausência de medicação gratuita para tratamento humano e animal, ausência de ações de controle de esporotricose animal, desinformação da população, entre outros. Algumas sugestões foram dadas como medidas de controle, ações de prevenção, diagnóstico e tratamento, fornecimento gratuito do medicamento essencial nos serviços de saúde, disponibilização de castração gratuita em unidades veterinárias, organização de campanhas de prevenção e conhecimento acerca da esporotricose distribuídas nas unidades de saúde, etc (Barros *et al.*, 2010).

Tratando-se do gato como principal vetor, as grandes características associadas a essa categoria são pelo animal estar na fase da maturidade sexual (jovem adulto), em sua maioria os machos, sem raça definida e não castrados, que possuem acesso às ruas, o que contribui a ser a classe animal considerada agente transmissor da esporotricose. As lesões no felino são mais frequentes e aparentes

na pele cutânea, em forma de nódulos e úlceras, muitas vezes localizadas na região da cabeça, com possibilidade de acometimento nasal e respiratório (Gonçalves *et al.*, 2019).

Em relação à transmissão zoonótica, uma potencial causa do gato ser o principal disseminador é o fato da forte presença de fungos (leveduras) em patas do animal, que se lambe e espalha-se pelo corpo, e após isso, possuir um grande contato com um humano, ocasionando a doença (Silva *et al.*, 2012).

Para identificar e mapear casos de esporotricose felina num município do estado de São Paulo realizou-se uma pesquisa, através da Unidade de Vigilância de Zoonoses, utilizando-se de técnicas de vigilância. Foram avaliados 123 animais com lesões suspeitas, sendo 64 felinos e 1 cão confirmados laboratorialmente. A maior parte dos casos ocorreu em machos não castrados, evidenciando o comportamento reprodutivo e territorial como fatores relevantes na disseminação da doença. A vigilância ativa englobou visitas domiciliares, entrevistas com moradores e caracterização dos locais. No entanto, a falta da ampla participação da população reduziu a detecção de novos casos. A maioria dos gatos identificados eram semi domiciliados, o que aumenta o risco de transmissão zoonótica (Castilho *et al.*, 2024).

A concentração de casos da zoonose em áreas urbanas e de grande vulnerabilidade social evidenciam a grande falha populacional de gatos abandonados e, consequentemente, a possibilidade de sua crescente disseminação. Por esse grave problema ter se expandido por todo o país, há uma extrema necessidade de reforçar as políticas integradas de saúde pública, como forma de redução de casos e trazendo a melhor maneira de manejo dos casos clínicos humanos e animais, potencializando a promoção da cura (Assis *et al.*, 2022; Valente *et al.*, 2025).

2.2 A vigilância em saúde e a esporotricose

Citada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), historicamente, as questões relacionadas à saúde e à vigilância estão ligadas ao processo saúde-doença de determinado lugar, aos tipos de práticas curativistas e de interrupção de disseminação de doenças (Fiocruz, 2009). A vigilância em saúde também foi conceituada como a

Observação contínua da distribuição e tendências da incidência de doenças mediante a coleta sistemática, consolidação e avaliação de informes de morbidade e mortalidade, assim como de outros dados relevantes, e a regular disseminação dessas informações a todos os que necessitam conhecê-la (Langmuir, 1963 apud Fiocruz, 2009).

Outras ações de vigilância em saúde foram surgindo ao longo dos séculos, como no caso do surto de peste bubônica no século XIV, onde deu-se início a medidas de investigação do surto da doença e o isolamento de casos de pessoas doentes, surgindo a quarentena (Brasil, 2020); práticas de controle e prevenção, como a criação da vacina (Brasil, 2005).

Assim, foram incorporadas tipos de vigilâncias que suprissem demandas específicas na área da saúde como a vigilância epidemiológica, que é responsável por um processo sistemático de coleta e análise de dados, detecção e monitoramento de casos, interpretação e disseminação de informações sobre as doenças e agravos à saúde, além da implementação de medidas de controle e prevenção de doenças e agravos (Brasil, 2009). Já a vigilância ambiental, surgiu na década de 90, através da criação do Projeto de Estruturação do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde- VIGISUS- suporte ao projeto da vigilância em geral, com o pensamento de minimizar os fatores de riscos ambientais (Brasil, 1998).

Suas atribuições são estabelecidas com relação aos fatores determinantes e condicionantes do processo de doenças e agravos relacionados ao meio ambiente, com o objetivo de conhecer sobre os fatores, detectar e prevenir as doenças. Assim, permite a identificação de áreas de risco e a implementação de medidas de controle (Brasil, 2004).

De acordo com o Guia de Vigilância em Saúde (2024), o diagnóstico da esporotricose acontece por critérios clínicos-epidemiológicos e exames laboratoriais microscópicos e histopatológicos. O diagnóstico clínico se dá pela observação dos ferimentos visíveis (ulcerações, nódulos, abscessos, na região da pele); o diagnóstico laboratorial ocorre pelo isolamento em cultivo do fungo presente no ferimento, transformado em amostra de testagem semeadas em ágar sabouraud com antibióticos e incubadas em temperatura ambiente, sendo analisada por 30 dias para ser descartada (Brasil, 2024).

Algumas estratégias de saúde e vigilância são necessárias para promoção, prevenção e controle da esporotricose, como na atenção primária, à efetivação de um programa específico para controle e monitoramento de zoonoses nos municípios

e estados com índices de notificações de casos nas unidades básicas de saúde, implementação de campanhas informativas de medidas preventivas e de controle da esporotricose humana e animal, inclusão do medicamento itraconazol disponíveis pelo SUS nas unidades de saúde de municípios que possuem casos da doença, entre outras (Barros *et al.*, 2010).

Durante o período da pandemia do Covid-19, a necessidade de utilização da vigilância em saúde (VS) integrada à outros serviços de saúde para o enfrentamento da crise sanitária mundial, evidenciou a fragilidade nos mecanismos que é base do SUS, surgindo uma reflexão acerca da mudança da estruturação em que a VS foi estruturada, durante o período da Reforma Sanitária e que permanece vigente atualmente (Teixeira, 2022).

O desenvolvimento e a utilização de ficha de notificação compulsória sobre esporotricose (humana e animal) é imprescindível para o arranjo de novas ferramentas de cuidado, além de servir de base para a coleta e análise de dados para a área de vigilância em saúde, a epidemiológica. As fichas devem ser distribuídas às unidades de atenção primária, que é porta de entrada do SUS, e após isso, serem designadas à vigilância epidemiológica e ambiental (Garcia; Lima; Leite, 2022).

A vigilância em saúde tem o complexo debate da articulação entre os outros setores do campo da saúde, e até entre as vigilâncias, por conta dos desafios que a mesma passa dentro do contexto da saúde pública. O conceito institucionalizado da vigilância em saúde de ser uma disseminadora de informações, análise de dados, monitoramento de casos, se estende a partir do momento em que há a possibilidade de articulação com as outras áreas da saúde, como a atenção primária, para promoção, prevenção e assistência à saúde das pessoas e o fortalecimento do SUS (Teixeira, 2022).

No estado de Goiás, foi realizado um perfil epidemiológico a respeito de casos da esporotricose humana e animal registrados. Esse estudo consistiu em 86 notificações humanas e 137 notificações de animais. Entre os casos humanos, 57 foram confirmados (66,3%). A maioria dos confirmados utilizou o critério clínico-epidemiológico. Observou-se predominância de mulheres (70,2%), raça cor parda (64,9%) e da área urbana (98,2%). Em 56,1% dos casos houve relato de contato com animais infectados, principalmente gatos. Quanto aos casos animais,

83 foram confirmados (60,6%), com predominância expressiva de felinos (95,2%). A maior parte dos diagnósticos teve confirmação laboratorial, principalmente por cultura fúngica. Observou-se prevalência de animais machos (78,3%). A maioria era semi domiciliado, condição que favorece maior contato com solo contaminado e transmissão zoonótica (Goiás, 2024).

Os resultados indicam que a esporotricose no estado tem uma forte ligação de via de transmissão zoonótica além de padrão de ocorrência tipicamente urbano. Destaca-se a necessidade de integração entre vigilância humana e animal, a capacitação profissional, melhoria das notificações e fortalecimento das ações de controle, especialmente voltadas ao manejo populacional de felinos e ao diagnóstico precoce (Goiás, 2024).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar as estratégias utilizadas pela vigilância em saúde no controle da esporotricose no Brasil.

3.2 Objetivos Específicos

- Descrever a atuação da vigilância em saúde no diagnóstico, monitoramento, tratamento e controle da esporotricose no Brasil;
- Identificar as políticas públicas voltadas ao enfrentamento da esporotricose e suas estratégias, com ênfase na saúde humana, animal e ambiental;
- Compreender os principais desafios enfrentados no controle da doença.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem qualitativa. Na área da saúde, a revisão integrativa destaca-se pela gama de informações que serão aprofundadas nos estudos científicos para maior contribuição no desenvolvimento e melhorias no cuidado em saúde (Sousa et al., 2017).

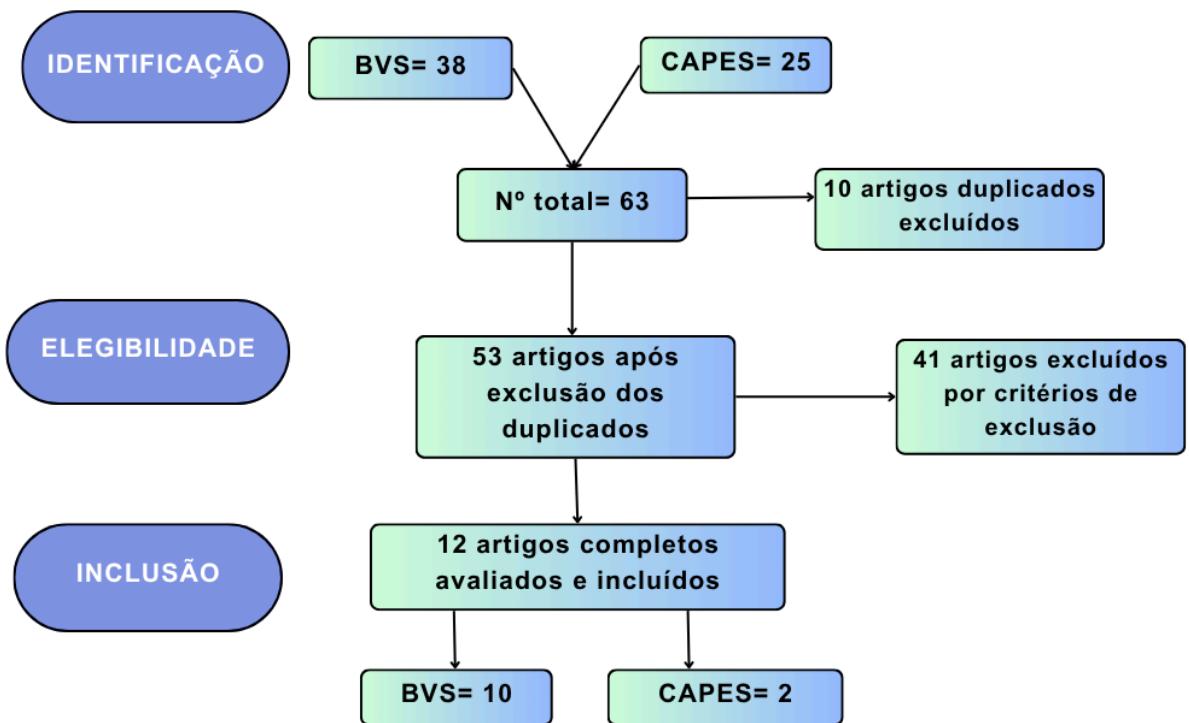
A pesquisa foi realizada no período de setembro de 2024 a novembro de 2025, cuja pergunta norteadora utilizada para a revisão foi **“Quais estratégias têm sido implementadas pela vigilância em saúde para o controle da Esporotricose no Brasil?”**. A coleta de dados foi realizada com base em duas fontes de dados, a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os seguintes descritores indexados em português e associados ao operador booleano (**AND**): “esporotricose AND vigilância em saúde”, “esporotricose AND atenção primária à saúde”, “esporotricose AND sistema único de saúde”, “esporotricose AND doenças negligenciadas” e “esporotricose AND estratégias de saúde”.

Foram utilizados os seguintes **critérios de inclusão**: textos disponibilizados na íntegra especificando a esporotricose como tópico, categorização da escolha da temática espelhada em títulos, resumos e assuntos na “busca avançada”, os artigos publicados na íntegra no período 2006 a 2025, e no idioma português.

Os **critérios de exclusão** foram: teses, dissertações e/ou monografias, publicações de órgãos públicos e documentações técnicas, idioma inglês.

A **figura 1** traz um fluxograma como exemplificação da seleção dos artigos que foram usados para construir a revisão integrativa. Ao todo foram identificados 63 artigos da BVS e Portal CAPES, passando por uma observância de elegibilidade e os critérios de inclusão e exclusão, dos quais 51 foram excluídos e 12 foram selecionados para leitura, sistematização e análise das categorias que foram abordadas nos resultados e discussão desta pesquisa.

Figura 1 - Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Inicialmente, foi realizado um quadro de extração de dados para descrição das principais características dos artigos selecionados, conforme modelo proposto no quadro 2.

Quadro 1 - Formato de quadro de extração de dados.

AUTORES	TÍTULO	LOCAL DE ESTUDO	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVO	MÉTODO	PARTICIPANTES
---------	--------	-----------------	-------------------	----------	--------	---------------

Em seguida, todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e repetidas vezes para identificação das principais evidências que foram sistematizadas em 4 categorias temáticas: ‘Estratégias de controle da esporotricose’, ‘Dificuldades para contenção da zoonose’, ‘Caracterização da ocorrência da esporotricose’ e ‘Recomendações para controle da zoonose’.

A Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) Nº 466 de dezembro de 2012, estabelece diretrizes e normas para pesquisas em seres humanos no Brasil, sendo uma das principais referências no país. Seu objetivo é manter a ética e

proteção de dados secundários e dos direitos humanos, a confidencialidade e respeito aos participantes em pesquisas científicas. Como esta pesquisa baseou-se em dados secundários de domínio público, não houve a necessidade de submeter ao comitê de ética.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta revisão integrativa foi realizada com base em 12 estudos publicados em 2025 (N=1), 2023 (n=2), em 2022 (n=2), em 2019 (n=2), em 2018 (n=1), em 2017 (n=1), em 2015 (n=1), em 2012 (n=1) e em 2010 (n=1) (**Quadro 2**). Os artigos em sua maioria são qualitativos descritivos, que tem como objetivo descrever as características de determinado fenômeno. Esse tipo de estudo fornece um panorama detalhado sobre determinado contexto ou população, enquanto uma outra parte dos artigos selecionados são de cunho quantitativo. É válido ressaltar também que, através dos resultados obtidos, notou-se uma ausência de artigos com relatos de casos na região norte, enquanto a maioria dos artigos concentrou-se na região sudeste, seguido do sul e nordeste.

Quadro 2- Dados dos artigos.

AUTORES	TÍTULO	LOCAL DO ESTUDO	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVO	MÉTODO	PARTICIPANTES
Scuarcialupi, L. N., et al.	Vigilância epidemiológica de doenças tropicais negligenciadas em áreas silenciosas: o caso da esporotricose zoonótica.	Guarulhos- SP.	2025.	Exemplificar a aproximação integrada e alinhada de Laplace, em modelos espaciais bayesianos, que relacionam a vulnerabilidade social e o número de casos notificados de esporotricose felina (zoonótica) em setores censitários (SCs) do município de Guarulhos.	Estudo ecológico.	Nenhum participante.

Damasceno, L. S, et al.	Esporotricose: uma micose em expansão no Ceará.	Fortaleza- CE.	2023.	Descrever casos de esporotricose humana atendidos em um ambulatório de micoes, no Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ), localizado em Fortaleza, Ceará.	Estudo transversal.	Pacientes acometidos pela esporotricose entre 2022 e 2023.
Maia, M. A, et al.	Perfil Epidemiológico de Gatos com Esporotricose no Município de São Paulo (SP), de 2011 a 2022.	São Paulo- SP.	2023	Caracterizar o perfil epidemiológico da esporotricose felina no município de São Paulo (SP) no período de 2011 a 2022.	Estudo descritivo.	Animais felinos (gatos).
Lech, A. J. Z, et al.	Protocolo operacional padrão para vigilância da epizootia de esporotricose em Ponta Grossa/PR.	Ponta Grossa- PR.	2022.	Relatar o protocolo operacional padrão criado para a Coordenação de Zoonoses de Ponta Grossa- PR no enfrentamento dos casos de esporotricose em gatos do município.	Estudo qualitativo de campo.	Servidores da atenção primária do município.

Garcia, M. T. P; Lima, E. de F. A; Leite, F. M. C.	Elaboração e avaliação de uma ficha de notificação compulsória para a esporotricose humana.	Espírito Santo-ES.	2022	Elaborar e avaliar uma ficha de notificação compulsória para a esporotricose humana.	Estudo metodológico.	Enfermeiros, biólogos e médicos veterinários.
Falcão, E. M. M, <i>et al.</i>	Hospitalizações e óbitos relacionados à esporotricose no Brasil (1992-2015).	Brasil.	2019	Analizar a distribuição da esporotricose pelas hospitalizações e óbitos pelo Brasil, utilizando dados do Sistema Único de Saúde (SUS).	Estudo descritivo.	Pessoas acometidas.
Silva, E. A, <i>et al.</i>	Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose.	São Paulo- SP.	2019	Analizar e descrever o papel de importância do clínico veterinário na identificação, notificação, promoção e prevenção da doença aos serviços de zoonoses.	Estudo descritivo.	Animais e pessoas acometidas.
Oliveira Neto, R. R, <i>et al.</i>	Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses.	São Paulo- SP.	2018.	Avaliar o nível de conhecimento sobre zoonoses de proprietários de cães e gatos que frequentam o Hospital Veterinário da Universidade Brasil, Campus de Fernandópolis, São Paulo.	Estudo descritivo, quantitativo e exploratório .	Pessoas (tutores).

Rodrigues, D. K. B; Malta, E. D. V. M; Ferro, L. O.	Análise do conhecimento sobre as principais zoonoses transmitidas por gatos.	São Paulo- SP.	2017.	Identificar o nível de compreensão das zoonoses e sua forma de transmissão, com o objetivo de realizar ações preventivas e educativas para os tutores, e cuidar da relação com os felinos domésticos.	Estudo transversal, quantitativo e observacional.	Pacientes ou acompanhantes da Policlínica Veterinária Adventista.
Martins, A. C. C, <i>et al.</i>	Percepção do risco de transmissão de zoonoses em um Centro de Referência.	Rio de Janeiro- RJ.	2015.	Identificar a percepção de risco de transmissão destas doenças e os fatores que influenciam no processo de adoecimento de pacientes do INI, bem como as divergências relacionadas com a percepção do risco de transmissão da leishmaniose tegumentar e esporotricose.	Estudo qualitativo e de campo.	Pacientes do INI/Fiocruz.
Silva, M. B. T, <i>et al.</i>	Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil.	Rio de Janeiro- RJ.	2012.	Descrever a ocorrência da epidemia de esporotricose humana em residentes de área urbana no Estado do Rio de Janeiro no período de 1997-2007.	Estudo exploratório, descritivo e espacial.	Pacientes acometidos pela esporotricose no estado do Rio de Janeiro, entre 1997 a 2007.

Barros, M. B. L, et al.	Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia.	Rio de Janeiro- RJ.	2010.	Analizar os aspectos clínicos, epidemiológicos e a distribuição geográfica da esporotricose, bem como o acesso aos serviços de saúde e os desafios enfrentados.	Estudo qualitativo descritivo.	Nenhum participante.
-------------------------	--	---------------------	-------	---	--------------------------------	----------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Estratégias de controle da Esporotricose

As áreas da saúde, principalmente da atenção primária e vigilância epidemiológica e ambiental, estabelecem ações e estruturação de equipes de saúde, que são fundamentais para o bom controle e normatização das medidas a serem adotadas diante das doenças e agravos. A presença da vigilância epidemiológica na construção de mecanismos de controle de agravos como a ficha de notificação compulsória para a esporotricose é essencial, visto que ela exerce o papel de detecção, investigação e monitoramento e fornece informações sobre seus fatores determinantes e condicionantes em saúde à população.

Em Garcia, Lima e Leite (2022), as experiências dos profissionais da área da saúde da atenção primária corroboraram para a elaboração de uma ficha de notificação compulsória de esporotricose humana, pelo fato de lidar com doenças e agravos todos os dias. A determinação das categorias que serão preenchidas na ficha surgiu de acordo com o maior percentual de concordância entre os participantes da pesquisa, resultando em 56 variáveis com 134 itens listados. As variáveis correspondem aos dados pessoais e clínicos de cada usuário como, idade, sexo, raça/cor, escolaridade, período de incubação, aspectos clínicos, local de residência, contato com animal, tratamento e outras ramificações; e outros dados secundários como, inoculação do fungo, comorbidades do usuário, lesão, período de tempo, rotina e tratamento do animal, etc.

A iniciativa de adequar medidas de controle da esporotricose é de extrema necessidade, por ser de caráter endêmico e de acometimento humano e animal, atingindo estados brasileiros com grande índice populacional, como é o caso do Rio de Janeiro, que possui um longo e elevado histórico de casos desta zoonose. As unidades básicas de saúde têm seu papel fundamentado em ser porta de entrada dos serviços de saúde do SUS, disponibilizando atendimentos, medicamentos, etc. Pelo SUS, a adequação de centros de saúde voltados para atendimento do animal acometido promove a saúde e bem estar do animal, além de ofertar campanhas preventivas contra a doença, para que assim, atinja maior diminuição da ocorrência de casos (Barros *et al.*, 2010).

O enfoque no cuidado com o animal infectado ou com suspeita de esporotricose, determina quais os métodos utilizados e necessários para o cuidado e tratamento dos mesmos. Como identificado no estudo de Silva *et al* (2019), o

diagnóstico se dá pela citologia, a cultura de isolamento do fungo, o que é essencial para a confirmação da doença. Os autores também destacam a importância de estabelecer o vínculo do profissional de saúde (no caso, o médico veterinário) com os tutores de animais acometidos pela esporotricose para fortalecer os devidos cuidados e recuperação da saúde do animal, desmistificando informações inverídicas que se espalham pela população, e gerar conhecimento acerca dos meios de controle e prevenção.

Em relação às áreas de transmissão da esporotricose, há indícios de dispersões dos casos em áreas periféricas, pelo fato de serem de difícil acesso do poder público, falta de saneamento básico, abandono de animais adoentados ou não, e a forma do tutor criar o animal (às vezes semi domiciliado), impulsiona a ocorrência de novos casos (Silva *et al.*, 2019).

Lech *et al* (2022) evidenciaram a necessidade de realização de um protocolo interno padrão que objetiva incorporar o monitoramento e controle dos casos no município paraense. Alguns pontos citados para compor o protocolo interno foram: a inserção de profissionais qualificados, como médicos veterinários na equipe NASF (atualmente chamada eMulti) que faz parte da atenção primária e é porta de entrada do sistema de saúde; a notificação de casos suspeitos pelos profissionais nas unidades; a busca ativa no território por ACS e ACE, que possibilita a notificação de casos suspeitos, acompanhamento dos casos confirmados do tratamento até a cura; a importância de realização do exame citopatológico para confirmação precoce da doença; e por fim, ações educativas de guarda responsável para os tutores e a castração animal, para impedir possíveis transmissões da esporotricose e outras doenças.

Observou-se a necessidade de conscientização do cuidado por parte dos tutores. É importante ressaltar que muitos animais possuem livre acesso às ruas, têm contatos com outros gatos contaminados, já outros são adotados e persistem com os hábitos de frequentar as ruas, o que impacta em casos da doença. Os tutores possuem grande senso de responsabilidade em domesticar e restringir os animais ao acesso das ruas, dificultando a propagação da esporotricose e também a realização da castração. É preciso informar sobre os cuidados e tratamento ideais, além de reforçar o não abandono dos animais doentes (Santos *et al.*, 2018).

A disponibilização do medicamento pelo SUS, como é o caso do itraconazol, importante fármaco que trata a doença, visto que é um antifúngico com baixa

tolerância mas com potencial hepatotóxico, necessitando de uma atenção maior dos tutores para orientar a administração aos animais, e, além dele, o iodeto de potássio, terbinafina e o anfotericina B, que são outras alternativas de fármacos que servem para promoção de tratamento e elevar à cura (Greene *et al.*, 2013). Portanto, fundamenta-se o fortalecimento dos investimentos sobre medicamentos e no campo da pesquisa epidemiológica para desenvolver ações de prevenção, com ênfase nas zoonoses, e o apoio entre as áreas da saúde e do poder público (Lima *et al.*, 2019).

Dificuldades de contenção da zoonose

A escassez de informações é um fator extremamente crítico na saúde pública, uma vez que a zoonose afeta os humanos e animais, e sua forma disseminada é fatal. Além do próprio animal acometido transmitir a doença, a desinformação dos tutores pode também acarretar no abandono do animal doente ou o enterro em local inapropriado dos animais que forem à óbito que ampliam a proliferação do fungo.

O estudo de Oliveira-Neto *et al* (2018), foi uma pesquisa com 100 tutores de cães e gatos, a respeito de informações sobre a tutela destes animais e as zoonoses que os afetam. Na pesquisa, identificou-se que 80% dos tutores não levavam seus animais a consulta com médico veterinário regularmente, apenas quando adoeciam. Sobre o conhecimento do que são zoonoses, 74% relatou não discernir sobre o assunto e 80% nunca recebeu esclarecimentos sobre o assunto. Já a respeito das doenças que os animais transmitem, foram citadas as mais conhecidas como, raiva, leishmaniose, toxoplasmose, cinomose, entre outras. A exceção ficou com a esporotricose, com apenas 9% que tiveram conhecimento ou já escutaram falar sobre, apenas 7% citaram que o gato seria o transmissor e somente 6% citaram a arranhadura como meio de transmissão.

Já em outro estudo realizado com 80 usuários que frequentaram uma policlínica que faz parte do SUS, na região sul do estado de São Paulo, sobre o que significa a palavra "zoonoses", 29% responderam que sabiam o que era. Sobre quais seriam as zoonoses, a maioria relatou sobre a toxoplasmose e a raiva, e apenas 1% citou a esporotricose, mas não souberam explicar o modo de transmissão. Sobre os meios pelos quais buscaram informações de saúde, 41% relataram os postos de saúde, 29% relataram a internet, seguido de 26% obter informações pela TV, e apenas 4% responderam que obtém informações por

amigos. Com relação a percepção de abandono dos animais doentes e a proliferação da doença, 84% responderam que há uma relação, enquanto 16% responderam que não (Rodrigues; Malta; Ferro, 2017).

Em Martins *et al* (2015), entrevistaram-se 20 pacientes com esporotricose a respeito das características demográficas, aspectos clínicos e percepção acerca da zoonose. No estudo, 95% dos entrevistados viviam em área urbana e sofriam com irregularidade no abastecimento de água, péssimas condições de moradia, descarte de lixo e saneamento básico. Sobre a doença, apenas 20% sabiam do que se tratava. À respeito dos profissionais da saúde, apenas 40% dos entrevistados relataram a baixa no conhecimento desse profissionais, sendo que a maioria confundia-se com outras doenças.

A percepção de risco pelos entrevistados foi expressivamente baixa, mas ao serem questionados sobre a forma de transmissão, uma grande parte atribuiu às condições de moradia, enquanto a outra parcela menor atribuiu ao gato presente nos ambientes domiciliares e peridomiciliares. Por fim, com relação aos serviços de saúde oferecidos, existe uma unidade de saúde da comunidade que realiza atendimento e diagnóstico, mas os entrevistados demonstraram insatisfação com a procedência dos profissionais, pois realizam o atendimento e não informam o diagnóstico corretamente, nem explicam as condições do que se trata a doença (Martins *et al.*, 2015).

São números que impactam de forma negativa, visto que a população menos favorecida não possui discernimento sobre o assunto e os profissionais não tiveram capacitação adequada para instruir a todos. Diante disso, é notório a carência de conhecimento e informações sobre zoonoses no meio da população, necessitando de políticas públicas eficazes de educação em saúde, e aos profissionais de saúde das unidades que é porta de entrada dos usuários, viabilizar uma forte capacitação profissional para promover a difusão da educação em saúde à comunidade.

Em Guarulhos (SP), um estudo de modelagem espacial foi realizado a respeito da vigilância epidemiológica das Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs), que abordou limitações na atuação da vigilância dessas DTNs, com abordagem sobre a esporotricose felina. As áreas consideradas “silenciosas” ou sem notificação são consideradas zero casos, e estão próximas às áreas notificadas, então é perceptível que esteja acontecendo uma falha, a subnotificação dos casos, reforçando o alto grau da doença com casos não notificados e a negligência de

órgãos da saúde pública em priorizar áreas que também deveriam ser realizada uma busca ativa. Portanto, nota-se que através do estudo em questão, foi utilizado um índice de priorização de áreas que possa corroborar com índices e resultados sobre as áreas de risco, e consequentemente, com as notificações, além de ter revelado um grau preocupante de surgimento de casos (Scuarcialupi *et al.*, 2025).

Caracterização da ocorrência da esporotricose

Em Maia *et al* (2023), registrou-se o alto índice de esporotricose animal no município de São Paulo, com 8.616 casos, de 2011 a 2022. O destaque de registro de casos suspeitos ficou para a esporotricose felina com 8.360 casos, e 256 para esporotricose canina. Sobre o diagnóstico por cultura micológica e confirmação, diminuiu para 5.677 gatos acometidos, 2.644 eram machos e 1.059 eram fêmeas. Houve uma alta em óbitos, com 614 casos. Sobre o estilo de vida dos gatos com a doença e o sexo, a frequência de peridomiciliados não destoou muito, com 1.348 machos e 545 fêmeas.

Já no estudo de Silva *et al* (2012), apontaram no estado do Rio de Janeiro o registro de 1.848 casos diagnosticados e tratados adequadamente, no período de 10 anos (1997-2007). Deste total de casos, 65% dos usuários possuíam guarda responsável de gatos, e 80, 3% tiveram a doença pelo contato com o animal dentro de casa (1.543 usuários possuíam registros que confirmavam o gato como principal transmissor). Outros 16,6% relataram o contato com plantação ou terra e após isso, houve a transmissão. Sobre a procedência dos felinos que causaram a infecção, relatou-se que, a maioria eram felinos domésticos. É importante destacar essas duas fontes de infecção, a primeira interliga a inoculação do fungo por lesões causadas pelo animal ou já existentes na pessoa e a segunda por contato com plantação e solo contaminado.

O Brasil registrou 782 hospitalizações por esporotricose dentro de 23 anos (1992 a 2015), e esse número estabeleceu-se por quase todos os estados, com exceção de Roraima. Os estados que atingiram percentuais elevados foram Rio de Janeiro (250 casos= 32%) e São Paulo (128 casos= 16,4%). Foi relatado o número de óbitos nessa mesma delimitação de tempo, com 65 óbitos registrados em alguns estados, sendo o Rio de Janeiro o maior em número de óbitos, com 36 casos. Sobre

a forma clínica que levaram aos óbitos nos estados, notou-se a disseminada, linfocutânea, pulmonar e outras formas (Falcão *et al.*, 2019).

Como identificado em alguns dos artigos do estudo (Maia *et al.*, 2023; Silva *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2019; Falcão *et al.*, 2019; Cruz, 2013), o fato da grande incidência em grandes estados brasileiros é notoriamente um grave problema de saúde pública, pelo aumento da população felina nas ruas e o abandono por tutores e a superpopulação, que vivem em muitas áreas periféricas e de baixo saneamento básico, e o contato do gato em ambientes que possuem o fungo, tornando-o portador da doença e levando a disseminação.

De 2022 a 2023, foram relatados 5 casos diagnosticados com esporotricose, em 3 municípios do interior do estado do Ceará. Os 5 usuários alegaram ter sofrido arranhadura ou mordedura de gato acometido pela doença, e 1 deles sofreu arranhadura do gato infectado no ambiente de trabalho (clínica veterinária). As formas clínicas foram a linfocutânea e a cutânea fixa. Os 5 usuários realizaram exame imuno enzimático e 4 deles testaram positivo para a micose fúngica. As lesões na pele observadas, evidenciaram ainda mais a exposição da doença. O tratamento concedido foi o uso do fármaco itraconazol e seguiram e acompanhamento até a cura. Dos 5 felinos acometidos, ocorreram 3 eutanásias e 2 abandonos (Damasceno *et al.*, 2023).

As características clínicas, demográficas, contribuem para a montagem do perfil da doença e elabora delimitações em regiões endêmicas para melhor monitoramento e busca ativa. Apesar da baixa gravidade e número de ocorrências, a esporotricose é uma doença que merece ser tratada com relevância, devido o surgimento de óbitos e o fato de ter se tornado de notificação compulsória no Brasil apenas em março de 2025 (Portaria GM/MS nº6.734), o que pode ter colaborado para grande subnotificação, que é uma preocupação para a área da saúde.

Recomendações para controle da zoonose

A promoção da saúde precisa alcançar toda a população de um território, e em especial, à população que vive em condições de vulnerabilidade social e econômica e de más condições de saneamento básico, inclusive os que não têm acesso aos serviços de saúde. Como citado em dois dos artigos do estudo (Rodrigues, Malta e Ferro, 2017; Barros *et al.*, 2010), para ampliar o conhecimento

sobre os riscos de zoonoses e as formas de se prevenir, é preciso realizar ações de educação em saúde e sanitária nas unidades de saúde, por profissionais qualificados e capacitados na área. A participação ativa desses profissionais com a população, estabelece um vínculo de cuidado intensivo.

Como priorização de saúde pública, a criação de unidades de controle de zoonoses em áreas periféricas ou de difícil acesso teria um impacto positivo, pois a população menos favorecida trataria seus animais da melhor forma possível, com amplo atendimento médico veterinário, castração gratuita para impedir a disseminação a outros animais tanto domiciliar quanto em situação de rua, medicamentos antifúngicos ofertados pelo SUS e eutanásia (em casos agravos e sem cura). Aos tutores que adoecessem de alguma zoonose, a equipe da unidade também estaria disponível para atendimento, diagnóstico clínico e tratamento (Barros *et al.*, 2010).

A educação em saúde é imprescindível para a saúde individual e coletiva, pois a partir das práticas, rodas de conversa e campanhas, a população adquire um certo discernimento acerca das doenças que os cercam, como podem ser transmitidas e como se prevenir, e surge o debate a respeito de ações de promoção à saúde que podem ser realizadas no contexto social, inseridas nas comunidades por meio das equipes presentes nas unidades básicas. Além disso, também é preciso fortalecer o vínculo entre usuário e profissional nas unidades de saúde, criar uma linha de cuidado para promover saúde e reduzir as taxas de incidência, mantendo então, um fluxo positivo entre comunidade e o cuidado da saúde animal e a guarda responsável de animais (Martins *et al.*, 2015; Lech *et al.*, 2022).

Diante dos fatos, é pertinente também aplicar a educação em saúde nas escolas, buscando conhecer as percepções dos estudantes acerca da esporotricose como doença zoonótica, pela importância de desenvolver ações que gerem informações sobre as formas de transmissão e contágio, e orientações devidamente corretas sobre promoção da cura, contribuindo para reduzir os riscos à saúde coletiva e animal. Essa promoção de informações possibilita que, a intervenção de prevenção realizada nas escolas, também chegue à grande parte da população, sendo assim, estabelecida uma possível estratégia de cuidado (Silva *et al.*, 2025).

6 CONCLUSÃO

A esporotricose é uma doença fúngica que afeta tanto os seres humanos quanto os animais, mais especificamente o gato, que torna-se o principal transmissor e o mais afetado pela doença. Essa predominância nos felinos se dá por alguns fatores, como, o animal ser semi domiciliado (ser domesticado e frequentar a rua), contato com solo contaminado, arranhadura ou mordedura, abandono e procriação em grande escala dos animais de rua, entre outros.

Os estudos reunidos nesta revisão integrativa permitiram evidenciar que a saúde pública juntamente o poder público, possui algumas iniciativas para controle da esporotricose, como disponibilização do itraconazol, que é um dos medicamentos para tratamento, através do SUS, para casos de esporotricose humana, e em alguns municípios também é disponibilizado para esporotricose animal.

Como recomendações estratégicas de controle, a educação em saúde é uma iniciativa altamente potencializadora e qualificada, sendo detentora de informações a respeito das formas de contágio, prevenção e tratamento, com a possibilidade de integrá-la através de ações organizadas e realizadas pelos postos de saúde, nas escolas através do Programa Saúde na Escola (PSE), na formação de capacitação sobre zoonoses para os ACE e ACS que está em participação ativa nas comunidades; a elaboração de campanhas e projetos sobre prevenção, controle e a castração animal, através de uma política de saúde voltada para as questões zoonóticas devidamente praticadas, sob responsabilidade das equipes de vigilância em saúde, são alguns fatores positivos que possibilitam que a transmissão seja reduzida e combatida, para obter a promoção da saúde pública.

No entanto, também foram observadas dificuldades persistentes à respeito do controle dessa zoonose. As informações distribuídas à população é escassa, o conhecimento do profissional de saúde em defasagem sobre zoonoses, a falta de iniciativas públicas descentralizadas (município e estado) em elaborar uma política de saúde de combate à zoonoses, o abandono de animais é crescente no cotidiano por causa da falta de conscientização das pessoas em não castrar os animais domésticos e depois abandoná-los, e a maioria dos casos de abandono acontece quando estão doentes.

É importante frisar que de fato alguns serviços públicos estão sendo efetivados nesta questão de controle da esporotricose em alguns estados, e no ano

vigente foi assinada a portaria que torna a doença de notificação obrigatória no território nacional, mas ainda assim, encontra-se insuficientes as literaturas e pesquisas recentes sobre diferentes perspectivas da doença e sobre as melhorias na qualidade do tratamento e oferta de medicamentos para o animal, além de ser pouco pautada pelo poder público em vários estados.

Portanto, é fundamental para o campo do SUS, tratar como prioridade uma doença negligenciada, que acomete os seres humanos e animais, no desenvolvimento de novos estudos sobre a doença, pactuação do poder público que viabilize formas de praticar a educação permanente em saúde para a população e aos profissionais da área da saúde, estabelecendo a integralidade do cuidado a toda sociedade e auxiliando no desenvolvimento de responsabilidades enquanto tutores, para com os animais, a respeito dos aspectos clínicos, prevenção, promoção, a castração animal e o não abandono do animal.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, G. S. *et al.* Esporotricose felina e saúde pública. **Veterinária e Zootecnia**, Botucatu, v. 29, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/594>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- BARROS, M. B. L.; PAES, R. A.; SCHUBACH, A. O. Sporothrix schenckii and sporotrichosis. **Clinical Microbiology Reviews**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 633-654, 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/36974>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BARROS, M. B. L. *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, p. 455-460, jun. 2010. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2010.v27n6/455-460/pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- BRASIL. **Quarentena e Isolamento: A Peste Negra e a origem da Quarentena em Veneza**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/quarentena-isolamento-peste-negra-origem-quarentena>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- BRASIL. Biblioteca Virtual Adolpho Lutz. **Novos trabalhos em Dermatologia: A esporotricose**. São Paulo: IAL, [s. d.]. Disponível em: https://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/mudanca/dermatologia_esporotricose.php. Acesso em: 19 fev. 2025.
- BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. Verbete “Vigilância em saúde”. In: ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2009. Disponível em: <https://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/vigsau.html>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Esporotricose Humana**. Brasília, DF: MS, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esporotricose-humana>. Acesso em: 29 maio 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica**. 7. ed. Brasília, DF: MS, [s. d.]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_epidemiologica_7ed.pdf#page=17.10. Acesso em: 29 maio 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de Vigilância em Saúde**: volume 3. 6. ed. rev. Brasília, DF: MS, 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svs/vigilancia/guia-de-vigilancia-em-saude-volume-3-6a-edicao/view>. Acesso em: 24 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS Nº 6.734, de 18 de março de 2025.** Brasília, DF: MS, 2025. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2025/prt6734_31_03_2025.html. Acesso em: 16 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Projeto VIGISUS – Estruturação do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde.** Brasília, DF: MS/Funasa, 1998. 203 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/projeto_vigilancia_controle_doenças_vigisus_II.pdf. Acesso em: 22 abr. 2024.

CASTILHO, G. C. O. *et al.* Mapeamento da ocorrência de esporotricose de transmissão felina no município de Salto-SP. **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v. 21, p. e40259, 2024. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/BEPA182/article/view/40259/38757>. Acesso em: 13 nov. 2025.

CHAKRABARTI, A. *et al.* Global epidemiology of sporotrichosis. **Medical Mycology** Índia, v. 53, n. 1, p. 3-14, jan. 2015. Disponível em: <https://s3.eu-west-2.amazonaws.com/life-slides-and-videos/Additional+reading/Chakrabarti+Sporotrichosis+review+Med+Mycol+2015.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CRUZ, L. C. H. Vista do Complexo *Sporothrix schenckii*: revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. **Veterinária e Zootecnia**, [s. l.], v. 20, p. 8-28, 2013. Edição Comemorativa. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/1508/1009>. Acesso em: 17 fev. 2025.

DAMASCENO, L. S. *et al.* Esporotricose: uma micose em expansão no Ceará. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, [s. l.], v. 27, p. 103285, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1413867023005457>. Acesso em: 7 jan. 2025.

FALCÃO, E. M. M. *et al.* Hospitalizações e óbitos relacionados à esporotricose no Brasil (1992-2015). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. e00109218, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/DFPbTzqj9pyrWB87YVqSKFs/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FERREIRA, A. L.; REIS, L. A. L. Perfil epidemiológico de casos de esporotricose humana e animal em Goiás no ano de 2024. **Boletim Epidemiológico**, Goiânia, v. 26, n. 6, 2024. Disponível em: <https://goias.gov.br/saude/boletins-epidemiologicos-diversos/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Vigilância em Saúde. In: DICIONÁRIO da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro: **EPSJV/Fiocruz**, 2009. Disponível em: <https://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/vigsau.html>. Acesso em: 5 jan. 2025.

GARCIA, M. T. P.; LIMA, E. F. A.; LEITE, F. M. C. Elaboração e avaliação de uma ficha de notificação compulsória para esporotricose humana. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/SH7NSsNVkP9VjyBpL3g3trK/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GONÇALVES, J. C. *et al.* Esporotricose, o gato e a comunidade. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 16, n. 29, p. 769, 2019. Disponível em: <https://api.arca.fiocruz.br/api/core/bitstreams/135c0358-223a-4f1b-86d3-7662944d0531/content>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GREENE, C. E. Feline enteric viral infections. In: GREENE, C. E. **Infectious diseases of the dog and cat**. 4. ed. [S. I.]: Elsevier, 2013. p. 80-91. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/23276821_Infectious_Diseases_of_the_Dog_and_Cat. Acesso em: 30 jan. 2025.

GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Zoonotic Epidemic of Sporotrichosis: Cat to Human Transmission. **PLOS Pathogens**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. e1006077, 2017. DOI: 10.1371/journal.ppat.1006077. Acesso em: 30 jan. 2025.

HELM, M.; BERMAN, C. The clinical, therapeutic and epidemiological features of the sporotrichosis infection on the mines. In: PROCEEDINGS OF THE TRANSVAAL MINE MEDICAL OFFICERS' ASSOCIATION. **Sporotrichosis infection on mines of the Witwatersrand**. Johannesburg, South Africa: [s. n.], 1947. p. 59-67. Acesso em: 6 nov. 2025.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/34389/37127>. Acesso em: 29 maio 2024.

LECH, A. J. Z. *et al.* Standard operating procedure for surveillance of sporotrichosis epizooties in Ponta Grossa/PR. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 4, p. e5411426986, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.26986. Acesso em: 14 jan. 2025.

LLORET, A. *et al.* Sporotrichosis in cats: ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1098612X13489225>. Acesso em: 30 jan. 2025.

LUTZ, A.; SPLENDORE, A. **Sobre uma micose observada em homens e ratos:** contribuição para o conhecimento das assim chamadas esporotricoses. São Paulo: Instituto Bacteriológico de São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lilb/docsonline/pi/textos/Sobre-micoseobserv-homens-e-ratos.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

MAIA, M. A. *et al.* Perfil Epidemiológico de Gatos com Esporotricose no Município de São Paulo (SP), 2011 a 2022. **Journal of Health & Biological Sciences**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unicchristus.edu.br/jhbs/article/view/4818/1832>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MARTINS, A. C. C. *et al.* Percepção do risco de transmissão de zoonoses em um Centro de Referência. **RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 1-14, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/985>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MUNHOZ, L. S. *et al.* Casuística da esporotricose no município do Rio Grande - RS: 2017 a 2019. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, [s. l.], v. 25, p. 101429, 2021. Disponível em: <https://www.bjid.org.br/en-casuistica-da-esporotricose-no-municipio-articulo-S1413867020305560>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MUNIZ, A. S.; PASSOS, J. P. Esporotricose humana: conhecendo e cuidando em enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 268-272, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-528352>. Acesso em: 30 jan. 2025.

OLIVEIRA NETO, R. R. *et al.* Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista de Salud Pública**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 198-203, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsap/2018.v20n2/198-203/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

OROFINO-COSTA, R. *et al.* Esporotricose Humana: recomendações da Sociedade Brasileira de Dermatologia para manejo clínico, diagnóstico e terapêutico. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 97, p. 757-777, 2022. Disponível em: <https://www.anaisdedermatologia.org.br/pt-esporotricose-humana-recomendacoes-d-a-sociedade-articulo-S2666275222002144>. Acesso em: 13 nov. 2025.

OROFINO-COSTA, R. *et al.* Sporotrichosis: an update on epidemiology, etiopathogenesis, laboratory and clinical therapeutics. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, São Paulo, v. 92, n. 5, p. 606-620, 2017. DOI: 10.1590/abd1806-4841.2017279. Acesso em: 13 nov. 2025.

PEREIRA, S. A. et al. **Aspectos terapêuticos da esporotricose felina**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <https://api.arca.fiocruz.br/api/core/bitstreams/d1e2b684-e200-4497-b5c5-a8d844f4a7e6/content>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PERNAMBUCO. **Portaria SES nº 390, de 14 de setembro de 2016**. Pernambuco: SES, 2016. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=328576>. Acesso em: 3 nov. 2025.

QUEIROZ-TELLES, F. et al. Chromoblastomycosis. **The Lancet Infectious Diseases**, [s. l.], v. 17, n. 9, p. e264-e276, 2017. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S1473-3099%2817%2930306-7>. Acesso em: 11 nov. 2025.

RIO DE JANEIRO (Município). Câmara Municipal. **Projeto de Lei nº 2584-A/2023**. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 2023. Disponível em: <https://aplicnt.camara.rj.gov.br/Apl/Legislativos/scpro2124.nsf/8c8154a39e60ba4f032588bc005eb45d?OpenDocument>. Acesso em: 3 nov. 2025.

RODRIGUES, A. M. et al. A análise filogenética revela alta prevalência de *Sporothrix brasiliensis* em surtos de esporotricose felina. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, [s. l.], v. 7, n. 6, p. e2281, 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0002281>. Acesso em: 27 abr. 2024.

RODRIGUES, D. K. B.; MALTA, E. D. V. M.; FERRO, L. O. Análise do conhecimento sobre as principais zoonoses transmitidas por gatos. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, Brasília, DF, v. 6, p. 775-785, dez. 2017. Suplemento 3. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/1140>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SANTOS, A. F. et al. Guia Prático para enfrentamento da esporotricose felina em Minas Gerais. **Revista V&Z em Minas**, Belo Horizonte, v. 137, n. 38, p. 16-27, 2018. Disponível em: <https://crmvmg.gov.br/arquivos/ascom/esporo.pdf#page=9.07>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SCHENCK, B. R. On refractory subcutaneous abscesses caused by a fungus possibly related to the sporotricha. **Johns Hopkins Hospital Bulletin**, [s. l.], v. 93, p. 286–290, 1898. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2117997/pdf/77.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2024.

SCHIED, H. et al. Doenças de felinos domésticos diagnosticados no sul do Rio Grande do Sul: estudo de 40 anos. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 72, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/abmvz/a/CDMJBmVLWHb8ND8R48BpgbR/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SCUARCLALUPI, L. N. *et al.* Vigilância epidemiológica de doenças tropicais negligenciadas em áreas silenciosas: o caso da esporotricose zoonótica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GqxNb5HK8rRPCvMcpHD55xQ/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SILVA, E. A. *et al.* Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose. **B. APAMVET**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 11-14, 2019. Disponível em: <http://www.publicacoes.apamvet.com.br/PDFs/Artigos/83.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SILVA, K. R. *et al.* Percepções e conscientização sobre esporotricose em estudantes do ensino fundamental em Campina Grande-PB. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, Umuarama, v. 28, n. 1, p. 66-78, 2025. DOI: 10.25110/arqvet.v28i1.2025-12232. Acesso em: 13 nov. 2025.

SILVA, M. B. T. *et al.* Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 10, p. 1867-1880, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tBDjHq5kPXNH4kdzqJwGTcw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SOUSA, L. M. M. *et al.* A metodologia de Revisão Integrativa da Literatura na enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, [s. l.], p. 17-26, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem. Acesso em: 11 nov. 2024.

THOMSON, J. *et al.* An Atypical Cause of sporotrichosis in a cat. **Medical Mycology Case Reports**, [s. l.], v. 23, p. 72-76, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211753918301386>. Acesso em: 31 jan. 2025.

VALENTE, R. M. *et al.* Expansion of human and animal sporotrichosis in Manaus, Amazonas State, Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. e00180024, 2025. DOI: 10.1590/0102-311XEN180024. Acesso em: 17 nov. 2025.